

A PARTICIPAÇÃO MASCULINA NOS AFAZERES DOMÉSTICOS: EVIDÊNCIAS GAÚCHAS

MALE PARTICIPATION IN HOUSEHOLD CHORES: EVIDENCE FROM RIO GRANDE DO SUL

Marcos Vinicius Dalagostini Bidarte¹

Maria Beatriz Rodrigues²

Resumo: Este estudo investiga a participação masculina gaúcha no trabalho doméstico não-remunerado. Foram utilizadas entrevistas e observação, e os resultados analisados mediante análise de discurso. Os principais resultados revelam: (a) eles realizam diversos afazeres domésticos, compartilhando-os com cônjuges ou membros da família; (b) porém, mostraram uma participação secundária, mesmo durante o período de pandemia, o que acabou sobrecarregando seus cônjuges, especialmente aqueles ocupados no mercado de trabalho; (c) há evidências de mudanças comportamentais, pois entendem que possuem responsabilidades nas atividades domésticas e familiares, (d) o que os leva a refletir mais sobre papéis sociais, desigualdades de gênero e uso do tempo.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Trabalho Doméstico Não-Remunerado. Interseccionalidade.

Abstract: This study investigates male participation in unpaid domestic work in Southern Brazil. Qualitative methodology was used, based on interviews and observation, and the results were discussed through discourse analysis. The main results reveal: (a) males carry out various domestic tasks at home and within the family, sharing them with spouses or family members; (b) however, they showed secondary participation, even during the pandemic period, which ended up placing a burden on their spouses, especially those working in the job market; (c) there is evidence of behavioural and mentality changes, as males understand that they have responsibilities in domestic and family activities, (d) which leads them to reflect on social roles, gender inequalities and use of time.

Keywords: Gender Relations. Unpaid Domestic Work. Intersectionality.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

¹ Doutor em Administração – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor Substituto – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul; E-mail: bidarte.vinicius@gmail.com; ORCID: 0000-0002-5545-3969.

² Doutora em Sociologia – Sussex University; Professora Associada – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; E-mail: beatriz.rodrigues@ufrgs.br; ORCID: 0000-0003-3529-9009.

Considerações Iniciais

A construção sociocultural histórica delineou distintos papéis para homens e mulheres nas sociedades: aos homens, os espaços públicos e ocupações mercantis remuneradas; às mulheres, os espaços privados e responsabilidades domésticas e familiares não-remuneradas (Saffioti, 1987). Apesar da luta das mulheres por igualdade de direitos e espaços na esfera pública, estejam ocupadas ou não no mercado de trabalho brasileiro, são elas que se envolvem mais no trabalho doméstico³, dedicando mais horas semanais do que os homens (Melo; Considera; Sabbato, 2016; Soares, 2021). Isso é um desafio, sobretudo para as mais jovens, com menos escolaridade e filhos pequenos (IBGE, 2024).

Estudos de gênero sobre os afazeres domésticos revelam que homens os exercem de forma diferenciada, pois tendem a preferir tarefas valorizadas ou visíveis publicamente (Bidarte, 2018; Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012), ainda que haja indícios de maior participação masculina em nível nacional ao longo dos anos (Bidarte; Fleck, 2019). Por exemplo, em 2022, mais de 148 milhões de pessoas informaram realizar afazeres domésticos no próprio domicílio ou em domicílio de parente, sendo declarada por 91,3% das mulheres e por 79,2% dos homens. Já entre as grandes regiões do país, a Região Sul apresentou as maiores taxas de realização de afazeres domésticos, tanto para os homens (83,3%) quanto para as mulheres (92,6%); e, entre seus estados, o Rio Grande do Sul destaca-se, apresentando as maiores taxas para eles (87,6%) e para elas (93,6%). Quanto ao tempo gasto nas tarefas domésticas, os homens gaúchos dedicam, em média, 11,3 horas semanais, o que representa uma desigualdade de, ao menos, 7,6 horas em relação às mulheres gaúchas, as quais continuam com uma elevada carga horária semanal dedicada a tais tarefas – mesmo considerando uma redução no indicador, que alcançou 20,7 horas em 2016 (PNAD-C/IBGE, 2023).

Este estudo enfoca o estado gaúcho e busca responder aos seguintes questionamentos: O que os homens gaúchos entendem por afazeres domésticos? Quais afazeres realizam? Quais não? Por quê? Compartilham a realização dos afazeres? Com quem? Contam com algum tipo de ajuda paga ou gratuita? Se sim, de quem? Utilizam aparelhos eletrodomésticos? Quais?

3 Neste estudo, compreende-se o trabalho doméstico não-remunerado, vinculado à reprodução social, como uma atividade essencial para a sustentação da vida humana e para o funcionamento cotidiano das famílias (Melo; Considera; Sabbato, 2016; Soares; Sabóia, 2007). As pessoas que o realizam são aqui denominadas trabalhadores/as do lar. Ao adotar essa terminologia, busca-se valorizar e visibilizar o trabalho reprodutivo, reconhecendo-o como trabalho, e desassociar da ideologia patriarcal que historicamente construiu a imagem da “dona de casa” como ideal de mulher, esposa e mãe que “não trabalha” (Bidarte, 2018; Bidarte; Fleck; Mello, 2018, 2021). Trata-se, assim, de um esforço conceitual e político para reposicionar o trabalho doméstico não-remunerado como uma atividade central à reprodução da vida humana, e não como um atributo “natural” das mulheres.

Por quê? Quais estratégias de articulação do trabalho com a família realizam? Quais as implicações do envolvimento dos homens no trabalho doméstico para as questões de gênero, domésticas e familiares, especialmente durante a pandemia de Covid-19? Tais questionamentos apontam para a necessária discussão articulada entre gênero, trabalho doméstico não-remunerado e interseccionalidade.

Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivos: (a) investigar a participação masculina gaúcha na realização dos afazeres domésticos, e (b) refletir sobre diferenciações e similaridades dessa participação e seus reflexos para as questões interseccionais nas opressões de gênero, classe e raça, nos âmbitos doméstico e familiar.

O artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na segunda seção, é apresentado o referencial teórico, trazendo apontamentos articulados sobre gênero, interseccionalidade e divisão sexual do trabalho doméstico. Na terceira seção, a metodologia utilizada, seguida da quarta seção, em que constam os resultados, a análise e discussão dos dados coletados. Na quinta seção, são expostos comentários finais e apontadas sugestões de pesquisas no tema.

1 Afazeres Domésticos

No Brasil, a categoria afazeres domésticos passou a ser investigada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 1992, de forma incipiente. Após anos de pesquisa, em 2015, com a reformulação do questionário, houve a inclusão de quesitos e melhoria nas redações de conceitos. Em 2018, a PNAD-C/IBGE (2018) trouxe o grande módulo “Outras Formas de Trabalho”, apresentando um conceito de trabalho que abrange diferentes formas de produção de bens e serviços para consumo próprio ou de terceiros, sem atender às condições da lógica capitalista, dentre elas:

I) *trabalho nos afazeres domésticos*, atividades realizadas pelas pessoas em benefício próprio e dos moradores, sem envolver qualquer tipo de remuneração, compreendendo, ainda, o exercício de tarefas relacionadas às atividades de arrumação ou limpeza de quintal ou de terreno que circunda a residência e tenham caráter exclusivamente doméstico;

II) *trabalho no cuidado de pessoas*, atividades realizadas por um morador em apoio ou auxílio a outro que não poderia realizá-las de forma independente, podendo ser crianças, idosos, enfermos ou pessoas que necessitam de cuidados especiais.

○ trabalho doméstico não-remunerado (afazeres domésticos e/ou cuidado), possui as seguintes características: fragmentação, sendo a realização de tarefas no decorrer do dia ou da semana; multiplicidade, sendo a realização de diversas tarefas e simultaneidade (Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Bidarte, 2018). A simultaneidade abrange tanto afazeres domésticos quanto atividades de cuidado que, em geral, costumam ser realizadas concomitantemente pelas pessoas no domicílio ou em domicílio de parente, as quais podem mascarar o uso do tempo declarado pelas pessoas. Como exemplos, podem ser citadas a preparação das refeições da família, enquanto supervisiona crianças, e a conclusão do ciclo de lavagem na máquina (Bidarte; Rodrigues, 2023; Soares, 2021).

Em relação ao trabalho doméstico não-remunerado, segundo estatísticas oficiais divulgadas pelo IBGE (2024), em 2022, as mulheres brasileiras dedicaram aos afazeres domésticos e/ou cuidados de pessoas quase o dobro de tempo que os homens (elas: 21,3 horas; eles: 11,7 horas), havendo, ao considerar uma perspectiva interseccional, significativas desigualdades relacionadas à cor/raça, classe, idade, escolaridade e região (Akotirene, 2019; Ribeiro, 2019). No país, a maior taxa de realização de afazeres doméstico, segundo grupos investigados, foi para homens de cor preta (80,6%), de 25 a 49 anos de idade (83,2%), com ensino superior completo (86,2%), na condição de responsável pelo domicílio (87,1%); já para as mulheres, de cor preta (92,7%), de 25 a 49 anos de idade (95,1%), com ensino médio completo e superior incompleto (93,3%), na condição de cônjuge ou companheira no domicílio (96,0%). Tais dados apontam a clivagem por gênero na realização dessas atividades nos lares brasileiros.

No que se refere às relações entre a esfera doméstica/familiar e a profissional, Hirata e Kergoat (2007) apresentam quatro modelos diferentes, nos quais se evidencia a reprodução dos papéis sexuais: 1) modelo tradicional, atribui papel de provedor aos homens e doméstico às mulheres; 2) modelo de conciliação, no qual cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida profissional e vida familiar; 3) modelo da parceria, considera mulheres e homens como parceiros, os quais dividem as tarefas domésticas e familiares, e as relações entre eles é de mais de igualdade do que de poder; e 4) modelo da delegação, no qual as tarefas domésticas e familiares são delegadas pelas mulheres a terceiros, alguém contratado para tal, geralmente outras mulheres. Frente a isso, o que se observa é que, entre os modelos e a realidade das práticas sociais, há uma grande distância, e, em geral, cabe às mulheres as responsabilidades domésticas e familiares. No contexto rural, as relações de poder entre homens e mulheres na divisão sexual do trabalho são ainda mais marcadas: além de se ocuparem com os

afazeres domésticos e atividades de cuidado, elas ainda realizam atividades de roçar terreno, plantar ou colher lavouras, e atividades complementares de renda familiar (Esmeraldo, 2008; Moraes et al., 2021).

Estudos de gênero com abordagem qualitativa mostram que os homens preferem afazeres domésticos que envolvem a interseção entre a esfera privada e pública (p. ex.: passeios com os filhos em parques ou praças), atividades interativas (brincadeiras e jogos) e apoio intelectual (ajudar nos deveres escolares). Essa dinâmica não apenas evidencia uma clara divisão sexual do trabalho doméstico em famílias brasileiras, mas também revela o quanto os homens são seletivos na realização desses afazeres, pois priorizam atividades mais valorizadas publicamente (Bidarte, 2018; Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012).

Segundo a PNAD-C/IBGE (2023), quando o homem está em coabitação, seja na condição de cônjuge, seja na de responsável pelo domicílio, a realização de afazeres domésticos diminui claramente em determinadas atividades, como preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça, cuidar da limpeza ou organização do domicílio, fazer compras e cuidar dos animais domésticos, a não ser para uma em específico: a realização de pequenos reparos no domicílio. O percentual de pessoas, no Brasil, em 2022, que realizaram atividade de pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos ou outros equipamentos foi de 45,2%, sendo que há grandes diferenças entre homens e mulheres (60,2% contra 32,9%). Tal preferência reforça o rótulo social dessas tarefas como predominantemente masculinas, alimentando preconceitos e desigualdades de gênero no ambiente familiar.

Há diversas discussões teóricas nacionais sobre trabalho doméstico não-remunerado, com distintas abordagens, as quais mostram a complexidade, as dimensões e os significados desse trabalho (Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Bidarte, 2018; Hirata, 2022; Moraes et al., 2021; Soares, 2021). Neste estudo, enfatiza-se a categoria afazeres domésticos, podendo ser entendida como um conceito amplo, que inclui desde os cuidados com a casa ou outro tipo de domicílio, alimentação e higiene pessoal e familiar, assim como a administração ou gerência da casa, ou outro tipo de domicílio (Bidarte; Rodrigues, 2023).

2 Metodologia

Estudar gênero e trabalho doméstico não-remunerado abre possibilidades epistemológicas e metodológicas de pesquisa (Bidarte; Rodrigues, 2023). Considerando os objetivos deste estudo, as escolhas metodológicas recaem na abordagem qualitativa, de tipo interpretativo e com delineamento exploratório-descritivo (Creswell, 2010; Flick, 2009). Como este estudo enfoca o estado gaúcho, utilizou-se a bola de neve como técnica de seleção de sujeitos, apropriando-se de uma abordagem em cadeia (Flick, 2009), iniciada na capital Porto Alegre e alcançando sujeitos de outras cidades, como Capão da Canoa, Jaguari, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santana do Livramento e Viamão. O mapeamento chegou a um total de treze participantes, conforme informações na Tabela 1.

Para as entrevistas, consideraram-se dois grupos de participantes, segundo contribuições de Bruschini e Ricoldi (2012): (1) homens empregados, inseridos no setor formal da economia, com carteira de trabalho assinada e jornada de trabalho integral de 8 ou mais horas diárias; (2) homens desempregados e/ou trabalhadores autônomos, inseridos no setor informal da economia, com jornada de trabalho flexível ou parcial, ou ainda homens aposentados. As entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes, para observar com mais detalhes as atividades e interações na casa e na família (Creswell, 2010; Flick, 2009). Cada entrevista teve duração aproximada de 45 minutos.

O perfil sociodemográfico dos entrevistados revela a predominância de homens, de cor branca, heterossexuais, cisgêneros, sem deficiência, com 13 a 18 anos de estudo, solteiros, de classe média, moradores urbanos, com idade média de 39 anos, com composição familiar, na maioria, de 3 integrantes e com número de filhos, na maioria, de 2.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos entrevistados, por grupos de pesquisa

Entrevistado	Cor	Idade (anos)	Escolaridade (anos de estudo)	Classe Social	Orientação Sexual	Estado Civil	Composição Familiar	N. de Filhos	Domicílio
Grupo I									
Carlos	Branca	55	13 a 18 anos	Classe C	Heterossexual	Casado	5	2	Urbano
Daniel	Branca	51	19 anos ou mais	Classe C	Homossexual	Solteiro	2	-	Urbano
Gustavo	Branca	30	13 a 18 anos	Classe B	Heterossexual	Solteiro	3	-	Urbano
Heitor	Branca	25	13 a 18 anos	Classe A	Heterossexual	Solteiro	3	-	Urbano
Lucas	Branca	40	19 anos ou mais	Classe B	Heterossexual	Casado	3	1	Urbano
Marcelo	Branca	50	10 a 12 anos	Classe D	Heterossexual	Casado	3	2	Rural
Roberto	Preta	23	13 a 18 anos	Classe C	Heterossexual	Solteiro	5	-	Urbano
Grupo II									
Caio	Preta	38	1 a 9 anos	Classe E	Heterossexual	Solteiro	4	1	Urbano
César	Branca	48	13 a 18 anos	Classe E	Homossexual	Solteiro	1	-	Urbano
Diego	Branca	37	13 a 18 anos	Classe C	Heterossexual	Casado	4	2	Urbano
Eduardo	Branca	42	13 a 18 anos	Classe C	Heterossexual	Solteiro	4	2	Urbano
Felipe	Branca	20	13 a 18 anos	Classe C	Bissexual	Solteiro	5	-	Urbano
Gabriel	Branca	61	13 a 18 anos	Classe D	Homossexual	Solteiro	2	-	Urbano

Fonte: Elaborada pelos autores

As transcrições foram submetidas à análise de discurso (Orlandi, 2015), respeitando seu conjunto de procedimentos

analíticos. Como recursos metodológicos de análise, dialogou-se com a interseccionalidade, ao destacar marcadores sociais de diferença (Akotirene, 2019; Ribeiro, 2019), pois estudos de gênero revelam compreensões relevantes à participação masculina na casa e na família (Bidarte, 2018; Bruschini; Ricoldi, 2012; Soares; Sabóia, 2007; Soares, 2021).

Para a fundamentação das análises de resultados deste estudo, recorreu-se apenas aos discursos que se mostraram mais pertinentes. Atribuiu-se uma identificação em código para cada *corpus da análise*, como a citação com o código (Caio:2:3), a qual significa que é um registro do entrevistado de nome fictício Caio, relacionado à pergunta de número 2, e 3 representa o número da unidade de discurso de sua reflexão. O sinal de pontuação dois-pontos serve para separar as informações. Na sequência, apresenta-se a análise e discussão dos dados coletados, que integram a tese de doutorado preparada pelo autor (Bidarte, 2024).

3 Afazeres Domésticos: “tudo aquilo que se faz dentro de casa, de segunda a segunda”

O significado atribuído pelos entrevistados à categoria afazeres domésticos variou de acordo com a realidade socioeconômica, definindo-a como estereotipada, pouco prazerosa, restritiva do tempo livre e necessária à sobrevivência familiar. De modo geral, eles entendem que os afazeres domésticos são as incontáveis atividades diárias para a manutenção da família e da casa, o que, inclusive, permite pensar sobre os sentimentos presentes na realização dessas atividades, sejam eles prazerosos ou não. Como as significações são mutáveis, visto que se transformam por meio das mediações que os entrevistados vivenciam em suas diversas relações, surgiu, nos seus discursos, a noção de cuidado que o trabalho doméstico embute. Aqui, as práticas dos afazeres domésticos mostram a complexidade desse conceito, por isso que a maioria das suas atividades identificadas neste estudo não estão no escopo das pesquisas oficiais nacionais, como a PNAD-C/IBGE (2020).

“Olha...Eu acho que é tudo aquilo que se faz dentro de casa, de segunda a segunda.” (Caio:15:1).

“São as tarefas que entram no decorrer do dia a dia, assim, pro funcionamento da casa.” (Carlos:21:1).

Todos os entrevistados de classe baixa e alguns de classe média mencionaram que não há dia que se passe, sem realizar os afazeres domésticos, sendo sábados, domingos e feriados dias iguais de trabalho – ainda que com

significativas diferenças com os dias úteis da semana –, o que, segundo eles, traz implicações na condição de acesso ao lazer e ao descanso. Entretanto, em termos gerais, tal realidade sequer foi mencionada pelos entrevistados de classe alta – e, aqui, nota-se que o tempo livre dos entrevistados está fortemente marcado pela questão de classe (Salata; Scalon, 2015). É provável que se deva ao fato deles delegarem ou transferirem os afazeres domésticos para diaristas contratadas e, com efeito, traz vantagens em termos de uso do tempo e, nesses casos, o modelo da delegação os distancia ainda mais das responsabilidades domésticas e familiares (Hirata; Kergoat, 2007).

“E a gente tem escolha? Tem que fazer [os afazeres], não adianta.” (Gabriel:15:1).

“Todos os dias elas tão ali te esperando. Não dá pro cara fugir.” (César:15:2).

Quando questionados sobre quais afazeres domésticos realizam, de modo geral, os entrevistados citaram: cuidar da administração e manutenção da casa; cortar lenha; costurar; cozinhar; cuidar dos filhos, dos animais de estimação e domésticos, da horta, das plantas; estender as camas; fazer as compras no supermercado e feira; limpar a casa, o pátio e a garagem; lavar, estender, recolher, passar e guardar roupa; lavar, secar e guardar louça; lavar a calçada; fazer manutenção e limpeza do automóvel; fazer pequenos reparos (pintura, elétrica, hidráulica); pagar contas; retirar o pó e o lixo. Tais afazeres foram facilmente lembrados pelos entrevistados, pois costumam fazer parte de seu dia a dia. Contudo, em alguns discursos, como de Gustavo e Daniel, notou-se a presença de afazeres ocasionais, conforme excertos apresentados a seguir. Considerando as tarefas citadas pelos entrevistados, observa-se também a menção a atividades de cuidado, o que não é surpreendente, uma vez que afazeres domésticos e atividades de cuidado, em geral, são realizadas concomitantemente, no domicílio ou em domicílio de parente (Bidarte; Rodrigues, 2023; Soares, 2021).

“Eu faço algumas coisas em casa, no pátio. (...) Às vezes, eu lavo a calçada e a grade com lava jato. (...) Ah! Também, às vezes, eu rastelo o pátio, corto a grama, coisas assim.” (Gustavo:7:3)
 “Esses tempos tive que subir lá em cima da casa pra arrumar umas telhas.” (Gustavo:11:3).

“E o que mais eu faço? Ah, sim! Lembrei! Eu faço essas coisas de pintura, elétrica e hidráulica, quando tem que fazer algum conserto da casa, tipo pequenos reparos, sabe?” (Daniel:11:3).

Alguns entrevistados preferem realizar determinados afazeres domésticos, como: cortar ou apanhar lenha (Marcelo), pagar contas (Daniel, Diego, Lucas), fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos ou outros equipamentos (Carlos, Daniel, Eduardo, Marcelo). Tal preferência confirma o rótulo atribuído a esses afazeres como tipicamente masculinos, o que gera preconceitos e desigualdades de gênero no contexto familiar. Sobre tais afazeres, cabe destacar: (i) isso não significa afirmar que os entrevistados estejam trabalhando em casa mais do que seus cônjuges, pois pode-se pensar que esses últimos também possam realizar tais afazeres no lar e, assim, supor um compartilhamento das atividades entre o casal; visto que (ii) em nível nacional, por exemplo, essas tarefas também são realizadas por mulheres, ainda que apresentem percentual menor de realização em comparação com o dos homens (PNAD-C/IBGE, 2020); (iii) pagar contas é uma atividade relacionada à gestão do dinheiro, aspecto de controle e poder do homem na família (Soares, 2021); e (iv) cortar lenha é uma atividade comum na zona rural, realizada por ambos os sexos, o que é evidenciado no discurso de Marcelo, ao mencionar a divisão e compartilhamento de sua esposa nessa atividade, pois, enquanto ele corta, ela apanha lenha (Moraes *et al.*, 2021; Sales, 2007).

Alguns entrevistados mencionaram não gostar de realizar determinado afazer doméstico, como: arrumar ou retirar a mesa (Daniel, César); cortar a grama do pátio, devido à fobia a insetos e aracnídeos (Heitor); cozinhar (Gustavo, Daniel, Carlos); estender a roupa molhada (Felipe); faxina geral (Roberto); lavar a louça (Felipe, Diego, Daniel); limpar o banheiro (Roberto) e passar aspirador de pó (Daniel). Especificamente sobre a tarefa relacionada à alimentação, de acordo com dados da PNAD-C/IBGE (2023), essa apresentou o maior percentual de pessoas realizando atividades de preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça (82,4%). Mas, quando se analisa por sexo, observa-se grande diferença de quase 30 p.p. entre homens (66,0%) e mulheres (95,7%). Como é uma pergunta que engloba diferentes afazeres, pode-se inferir que os homens brasileiros podem estar realizando todas ou apenas uma delas. Por exemplo, podem estar servindo, mas não preparando as refeições, assim como podem estar arrumando, mas não retirando a mesa, lavando ou não a louça. No entanto, ao analisar essa tarefa por condição no domicílio, observa-se que a sua realização somente é maior quando o homem vive sozinho (94,1%), pois, quando está em coabitação, seja na condição de cônjuge (58,9%), seja de responsável pelo domicílio (65,8%), ela se reduz significativamente. Isso implica supor, apoiando-se inclusive nos dados deste estudo, que os afazeres citados são realizados pelos homens quando estão sozinhos em casa. No entanto, em geral, tal dinâmica sugere

que os afazeres são transferidos ao cônjuge, aos/as filhos/as, a outros membros do domicílio, à trabalhadora doméstica diarista ou a prestadores de serviços diversos.

Os discursos dos entrevistados apontam que o trabalho doméstico possui as seguintes características: fragmentação, sendo a realização de tarefas no decorrer do dia ou da semana; multiplicidade, sendo a realização de diversas tarefas e simultaneidade, sendo a realização de duas ou mais tarefas ao mesmo tempo (Bruschini, 2006; Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Bidarte, 2018). A seguir, o discurso de César mostra isso, o qual revela a presença dessas características nos afazeres diários.

“Enquanto passa o café eu já vou dando uma tapeada na casa, passando uma vassoura, arrumando a cama, colocando roupa pra secar que deixei na máquina no dia anterior, ou arrumando alguma outra coisa. Depois vou trabalhar. Na volta pra casa eu passo no mercado, compro o que falta. Aí em casa eu vejo se tem roupa seca e já guardo, organizo mais alguma coisa, preparo a janta. E por aí vai a coisa.” (César:21:2).

Daniel, Felipe, Caio e Gabriel afirmaram possuir autonomia em relação aos afazeres domésticos, realizando-os nos momentos em que desejam ou postergando-os para outro momento ou dia, sem cobranças pessoais ou familiares. Especialmente, aos domingos, optam por desfrutar o dia com familiares, amigos/as e animais de estimação, considerado pelos entrevistados como o “dia de descansar e curtir” (Caio:17:3), e não de se preocupar em realizar os afazeres domésticos. No entanto, essa autonomia não os exime das atribuições, pois os afazeres adiados implicam no acúmulo de tarefas e no aumento do tempo gasto os realizando. Apesar disso, os entrevistados percebem como uma escolha racional, como ilustra o discurso de César: “Na minha folga eu gosto de dormir e descansar. Não faço nadinha das coisas da casa! Mas, eu sei que o amanhã chegará!” (César:17:4).

Os seus discursos também apontam a existência de um afazer cuja realização dificilmente pode ocorrer conforme suas vontades: preparar as refeições da família. Gabriel mencionou antecipar o preparo das refeições que serão consumidas pela família durante a semana, aprontando grande parte delas no final de semana e congelando-as. Já César, Caio e Daniel mencionaram preparar uma quantidade maior de comida para o almoço, de modo que sobre para a janta, evitando retornarem à cozinha para preparar uma nova refeição. A tarefa de preparar as refeições é realizada diariamente pelos entrevistados devido, sobretudo, ao horário de intervalo do trabalho do cônjuge, ou membros da família, e ao horário da escola ou faculdade dos/as filhos/as. Apenas Diego mencionou que, às vezes, sua esposa compra refeições para a família, principalmente devido aos pedidos insistentes de sua filha pequena por colo, o que o impede de cozinhar.

Especialmente no discurso de Marcelo, por ser residente rural, diversas atividades de produção e reprodução foram citadas no decorrer da entrevista. Próximo à casa há um galpão rudimentar, horta e várias árvores frutíferas. Nesse galpão, o entrevistado e sua esposa preparam e armazenam comida para os

animais de estimação e domésticos; abatem animais para o consumo de carne; processam alimentos de modo caseiro (conservas, compotas, panificados). As carnes e produtos beneficiados são consumidos e, eventualmente, comercializados pela família com vizinhos e/ou familiares. O dinheiro proveniente dessa venda provê a família de produtos ou bens de consumo. Claramente, tais atividades evidenciam que os dois tipos de trabalho, produtivo e reprodutivo, integram-se diversas vezes nos mesmos espaços (Esmeraldo, 2008; Moraes *et al.*, 2021).

Na perspectiva do compartilhamento de afazeres domésticos entre os membros das famílias, a maioria dos entrevistados mencionou ser “uma coisa tranquila” (Caio:13:1), sem relatos de dificuldade em realizá-lo com seus cônjuges e/ou filhos/as. Apenas Marcelo, Carlos e Daniel (13:1) afirmaram que tal compartilhamento chegou a ser motivo de conflito ou discussão na família, conforme excertos apresentados. Outros entrevistados, que atualmente encontram-se desempregados ou com jornada de trabalho parcial, mencionaram assumir maior quantidade os afazeres domésticos, evitando dividir as tarefas com o cônjuge ou outros membros da família (Felipe:13:2). Os discursos apontam a necessidade de rever a divisão de tarefas entre os membros da família. Conversas em família, por exemplo, podem contribuir para desenvolver uma maior consciência de que, assim como a casa é de todos, a responsabilidade pelos afazeres domésticos também o é. Portanto, para fortalecer a convivência entre as pessoas que residem no mesmo domicílio, é necessário deixar claro que cada uma deve se responsabilizar pela organização e pela limpeza da casa. Nesses casos, o modelo da parceria (Hirata; Kergoat, 2007) parece não operar em sua plenitude. Pode-se questionar se os entrevistados e familiares veem-se como parceiros, os quais poderiam dividir as tarefas domésticas e familiares em termos de igualdade, mais do que de poder.

“A gente divide assim: eu simplesmente digo que não vou fazer isso, se ele quiser fazer, ele faz, senão vai ficar assim, ou até a hora de alguém se inspirar e fazer. A divisão é prática! É assim que se faz, não funciona de outro jeito! (...) Claro, nós somos responsáveis pela casa, então nós dois precisamos fazer as coisas.” (Daniel:13:1).

“Como agora eu tô desempregado, eu tenho feito mais coisas pra casa. (...) Minha mãe e meu pai se sentem mais livres de me pedir pra fazer alguma coisa, porque eu não tô tão atarefado no momento, né?” (Felipe:13:2).

Roberto explica que a maneira encontrada pela família para compartilhar os afazeres domésticos foi o “rodízio de tarefas” (Roberto:13:1), que consiste em, a cada final de semana, um membro da família realizar os afazeres domésticos dos locais de uso comum. Segundo ele, essa organização traz benefícios para a família, pois, além de ser menos desgastante, há alternância da pessoa responsável. A organização familiar de Roberto revela uma estrutura que subverte o modelo tradicional (Araújo; Scalón, 2005): todos os membros da família participam de forma ativa na realização de afazeres domésticos e, de certa forma, tal organização familiar faz tremer os papéis sociais e a visão de

gênero estereotipada. Diferentemente dos outros, neste caso, o modelo da parceria (Hirata; Kergoat, 2007) parece operar de modo que satisfaça e beneficie os membros da família.

Na condição de filhos, os discursos de Gustavo (15:1) e Heitor (13:3) sugerem uma maior participação de suas mães do que de seus pais nas atividades domésticas. Inclusive, seus discursos chamam a atenção por referirem as mães como faxineiras. Isso mostra, de um lado, a persistente desigualdade de gênero no âmbito familiar; de outro, a subsistente ideia de que o trabalho doméstico é uma atividade da mulher, da esposa e da mãe (Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Soares; Sabóia, 2007). Segundo eles, há o entendimento de que a presença da mãe no domicílio é para atender às demandas da casa e dos membros da família, estando à disposição para servi-los. Segundo estudos de gênero, pessoas do sexo masculino na condição de filhos têm apresentado a menor jornada em afazeres domésticos ao longo dos anos (Soares; Sabóia, 2007; Soares, 2016).

De forma geral, os discursos masculinos evidenciaram que há compartilhamento das tarefas domésticas e familiares, porém de forma seletiva e desigual. Heitor, por exemplo, realiza apenas os afazeres limitados ao seu quarto, fazendo algum outro afazer que sobrou, que ainda não foi feito por seus pais. No entanto, durante a entrevista, ele começa a se autoquestionar, a refletir sobre o quanto participa no cotidiano doméstico, como ilustra o trecho de seu discurso. Talvez esse (auto)questionamento produza algum efeito em Heitor, de desenvolver uma maior consciência sobre a necessidade de participação mais ativa nos afazeres domésticos.

“Acho que eu poderia fazer muito mais, né? É. Eu acho. Normalmente, as coisas da casa são bem compartilhadas entre eles dois [pai e mãe] e eu faço alguma coisa que sobra. Eu faço mais as coisas do meu ambiente que eu uso, né, que é o meu quarto e o meu banheiro.” (Heitor:13:1).

Por outro lado, Gustavo e Carlos mencionaram realizar sobretudo as tarefas domésticas que “exigem mais força física” (Carlos:23:7), essas relacionadas ao pátio ou pequenos reparos na casa. Evidentemente, os entrevistados, ao utilizarem argumentos biológicos, embora tentem não soar preconceituosos, mas sim demonstrarem seu zelo, retratam o machismo refletido na sociedade. Em nossa sociedade, há a *naturalização* de falas conservadoras, machistas e patriarcais, (re)produzidas e disfarçadas de sentimentos de zelo, carinho e amor, que perpetuam um discurso no qual a mulher deve ser, além de submissa e subserviente, protegida e cuidada pelo homem. A figura feminina é associada à delicadeza, dependência e fraqueza;

logo, há subestimação de sua capacidade de fazer suas próprias escolhas, sem a figura masculina ao lado (Albornoz, 2021; Saffioti, 1987). Ainda que apresentem diferentes faixas etárias, os discursos dos entrevistados ilustram muito bem isso, os quais têm como base os aspectos sócio-históricos e ideológicos reafirmados constantemente, e desde muito tempo, nas sociedades ocidentais; tão naturalizados, que somente são notados em uma análise mais atenta do discurso materializado (Orlandi, 2015).

“Eu que faço essas coisas na casa, no pátio, que exigem um pouquinho mais de esforço físico, assim, geralmente sou eu que faço. (...) A mãe não vai cortar a grama ou arrumar o telhado, né? Obviamente, eu já sou mais acostumado com esse tipo de serviço, então fica pra mim esse tipo de coisa, mais braçal, né?” (Gustavo:11:4).

“Eu acabo fazendo as coisas mais práticas da casa, mais pesadas, que exigem mais força física, se tem que pintar, se tem que parafusar, se tem que arrumar o pátio, se tem que arrumar o portão, só eu que faço essas coisas mais mecânicas, mais pesadas, de pequenos reparos na casa.” (Carlos:23:7).

Nota-se, nos discursos supracitados, a forte presença do argumento tradicionalista da *assimetria sexual*, isto é, a atribuição de diferentes papéis e tarefas para homens e mulheres nas sociedades ocidentais. Desse modo, com base em diferenças biológicas, enxerga-se a divisão sexual do trabalho como justa e funcional: o homem, corajoso e superior em força física, *naturalmente* vai proteger e defender a mulher, mais delicada, frágil e vulnerável, cujo aparato biológico lhe dá a capacidade reprodutiva e a destina aos cuidados com os outros; com efeito, no domicílio, ele seleciona e realiza determinadas tarefas que exigem, então, sua força física, como pequenos reparos ou obras de construção. Essa explicação determinista do ponto de vista biológico mostra-se como a versão mais popular do argumento tradicionalista, possuindo grande efeito de explicação e corroboração de pensamentos contemporâneos de supremacia masculina (Lerner, 2019; Scott, 1995). Apesar dos avanços que tivemos enquanto sociedade, as ideias de gênero e papéis sociais para ambos os sexos ainda perduram e deixam – muito – a desejar.

Os entrevistados Carlos e Diego mencionaram que foram instruídos/educados por seus pais e mães para a realização dos afazeres domésticos no cotidiano familiar e que, agora com seus/suas filhos/as, reproduzem o mesmo processo. Os discursos, corroborados por estudos de gênero, mostram que há certo empenho dos homens brasileiros em introduzirem mudanças no

comportamento dos/as seus/suas filhos/as sobre a participação nos afazeres domésticos (Bruschini; Ricoldi, 2012; Soares; Sabóia, 2007). A socialização de tais afazeres é um aspecto importante na sustentação da convivência familiar, visto a frequência e a intensidade com que são realizados, sugerem um grau de reciprocidade, colaboração e interdependência entre os membros da família. No entanto, deve-se questionar a prática parental de atribuição de afazeres no lar para as crianças, visto que, quando meninos e meninas são envolvidos/as de forma diferenciada nas tarefas domésticas, eles/elas apreendem papéis de gênero, pois, ao mesmo tempo que exercitam modos particulares de organização da família, adquirem concepções e experiências divergentes sobre tais tarefas. Geralmente, a distribuição dos afazeres às crianças segue os critérios de gênero, que, para elas, pode representar um direcionamento do que será vivenciado na vida adulta, pois há transmissão de conhecimentos práticos e ideológicos (Bidarte, 2018; Lima *et al.*, 2008).

“Eu herdei da mãe, digamos assim, essa autonomia de fazer as coisas em casa, sem ter que esperar pelos outros, ou achar que tem que ser os outros que tem que fazer as coisas em casa.” (Carlos:23:2).

“Meu pai e minha mãe me ensinaram a fazer as coisas dentro de casa e eu ensino meus filhos assim. Eles me mostravam como eu tinha que fazer, e depois eu fazia. Agora, eu faço o mesmo com os meus filhos.” (Diego:18:1).

Caio, Diego, e Eduardo mencionaram instruir/educar gradualmente seus/suas filhos/as sobre a importância de participar na família e de realizar os afazeres domésticos, de modo a prepará-los/as para a idade adulta, sem que dependam de outras pessoas. Eles acreditam que, ao fazer isso, seus/suas filhos/as criarão responsabilidades, o que promoverá uma participação mais ativa e colaborativa deles/as no domicílio (Bruschini; Ricoldi, 2012; Soares; Sabóia, 2007). Conforme a idade das crianças, os entrevistados explicaram propor afazeres simples e que não ofereçam riscos, motivando e promovendo a participação delas no cotidiano. Geralmente, os afazeres eram relacionados ao cuidado de seus espaços e objetos. À medida que as crianças cresciam e de modo gradual, outros afazeres foram instruídos/ensinados, propondo a participação delas em outros cômodos da casa.

Com a presença de crianças pequenas, manter a casa arrumada é um desafio, particularmente durante o período de pandemia. E isso foi uma constante nos discursos de Lucas e de Eduardo. Ambos os entrevistados buscam incentivar seus/suas filhos/as para que contribuam na organização da casa, selecionando afazeres relacionados a elas, como arrumar o quarto

ou a cama, guardar os brinquedos. Tais atividades fazem parte do processo de aprendizado das crianças, processo esse que demanda paciência, dedicação e esforço desses genitores. Entretanto, em ambos os casos, pelos brinquedos observados, os pais deram às crianças brinquedos tipicamente masculinos, como carrinhos, ou femininos, como bonecas, o que indica um possível reflexo de comportamento e/ou ideologia que segue sendo transmitido geracionalmente. Brinquedos são objetos usados para o divertimento, mas possuem características propensas a produzir sujeitos que se identifiquem como homens e mulheres e a criar estereótipos de gênero. Estes, com o tempo, têm efeitos duradouros não somente sobre como as crianças passam a compreender a si mesmas, como se comportam e as escolhas que fazem, mas também sobre a sociedade (Kishimoto; Ono, 2008; Lauretis, 1994).

Verificou-se que vários entrevistados pertencentes à classe baixa e média (Daniel, Marcelo, Caio, Diego, Eduardo), e, o mais curioso, à classe alta (Heitor), contam apenas com a participação dos membros da família para a realização dos afazeres domésticos. Entretanto, outros entrevistados contratam os serviços de trabalhadoras domésticas diaristas. Há entrevistados pertencentes à classe média, como Marcelo e Carlos, vistos como chefes de família, que realizam em maior medida as atividades de gestão de suas residências do que outros afazeres, já que, ou os delegam a pessoas que prestam serviços domésticos, ou os transferem para os membros da família. Com efeito, o modelo da delegação os distancia ainda mais das responsabilidades domésticas e familiares (Hirata; Kergoat, 2007). Especificamente no caso de Roberto, às vezes, há a presença de uma trabalhadora doméstica aos finais de semana, sendo intermitente a contratação desse serviço, a qual geralmente ocorre devido à impossibilidade de algum membro da família realizar os afazeres domésticos no “rodízio de tarefas” (Roberto:13:1).

Aqui, deve-se compreender a relevância dessas trabalhadoras remuneradas na realização do trabalho doméstico. Elas contribuem para trazer respostas concretas às necessidades das outras pessoas, ao se ocuparem das atividades da casa, garantindo, direta ou indiretamente, o bem-estar e a boa saúde de todos os indivíduos do grupo doméstico (Hirata, 2022). Segundo estudos de gênero, a existência de uma estrutura de apoio (remunerada ou não) possibilita às pessoas, especialmente às mulheres, o acesso ao lazer e ao descanso (Hirata, 2022; Saffioti, 1987; Santos; Diniz, 2018). Nos casos aqui analisados, os homens, em sua maioria brancos e especialmente no arranjo familiar composto por casal heterossexual com filhos/as, além de continuarem ocupando um lugar privilegiado na esfera pública, na casa e na família, ainda dispõem de uma estrutura de apoio que os beneficia, a qual lhes possibilita um menor envolvimento nas atividades domésticas e de

cuidado e, assim, pensar mais na carreira/profissão, mesmo dedicando-se aos afazeres no tempo de que dispõem. Concorde-se com Ribeiro (2019) de que, por mais que os homens pertencentes a grupos privilegiados se mostrem conscientes e combatam as opressões e desigualdades, eles não deixarão de ser beneficiados, em termos estruturais, pelas opressões e desigualdades que infligem a outros grupos. Gênero está entrelaçado com privilégios, o que explica a superioridade masculina em instituições como a família (Albornoz, 2021; Araújo; Scalón, 2005).

Outro aspecto analisado é a posse de aparelhos eletrodomésticos, os quais possibilitam conhecer o modo como os entrevistados usam seu tempo na realização de afazeres domésticos. Os entrevistados atribuíram significados a esses bens de consumo, desde os relacionados à “ajuda” e ao “auxílio” e até à “necessidade” e à “praticidade”. Como aparelhos eletrodomésticos, eles citaram possuir aspirador de pó, batedeira, cafeteira, fogão à lenha ou elétrico, forno elétrico ou a gás, forno micro-ondas, fritadeira elétrica, geladeira, jarra elétrica, lavadora de alta pressão, liquidificador, máquina de cortar grama, máquina de lavar ou de secar roupas, panificadora, televisão, torradeira. Cabe ressaltar que esses aparelhos eletrodomésticos foram facilmente lembrados pelos entrevistados, pois costumam ser utilizados cotidianamente.

Dentre os aparelhos eletrodomésticos citados pelos entrevistados, a máquina de lavar roupas e a televisão foram os mais lembrados e considerados essenciais para o cotidiano familiar, especialmente por aqueles com filhos/as pequenos/as, ou com membros da família idosos e/ou com deficiência. Entretanto, outros dois aparelhos eletrodomésticos também foram bastante mencionados: o aspirador de pó, utilizado não só para limpar a casa de forma geral, mas também o interior do automóvel; e o forno micro-ondas, devido a sua praticidade de preparar ou aquecer os alimentos. De forma geral, os discursos apontam que os eletrodomésticos permitem aos entrevistados economia de tempo, autonomia, praticidade e conveniência de sua utilização.

“Ficar sem máquina de lavar? Não dá, ainda mais com a mãe! Mas bem capaz que vou tá lavando a mão! Ainda mais naquele período pavoroso da pandemia, que tudo tinha que tá lavando.” (Gabriel:16:3).

“Eu tenho filhos pequenos, então eu preciso da máquina de lavar e da televisão pra eles, é necessário, porque daí eu consigo fazer as outras coisas em casa enquanto eles ficam ali assistindo.” (Diego:16:2).

Para a realização dos afazeres domésticos, a presença de aparelhos eletrodomésticos nos domicílios mostra-se fundamental para o bem-estar dos entrevistados e de suas famílias, no entanto está fortemente relacionada à renda individual ou familiar (Soares; Sabóia, 2007). Percebe-se que os entrevistados de classe baixa demonstram peculiaridades devido às restrições de orçamento. Nesses casos, o uso de crédito mostra-se essencial, por se tratar do único meio de obter acesso aos bens de consumo. Ao assumirem um crediário, eles levam em consideração a prestação, cujo valor precisa ser compatível com seu orçamento mensal, e o prazo de pagamento. Desse modo, evitam uma possível inadimplência. À medida que as pessoas aumentam a renda e o crédito individual ou familiar, há tendência de escalarem novos patamares de consumo (Flores; Bidarte, 2019). Isso é evidente em entrevistados de classe média e alta. Como reflexo da presença de aparelhos eletrodomésticos nos domicílios, há praticidade para o cotidiano e economia de tempo no trabalho doméstico, visto que tais aparelhos tendem a simplificar e racionalizar a tarefa de conservação da casa. Nesse sentido, a modernização das atividades de subsistência tende a aumentar a produtividade do trabalho doméstico, de modo que sobra mais tempo às pessoas, principalmente mulheres, para que se engajem em atividades de lazer e/ou ainda atividades produtivas no mercado de trabalho.

“Com os eletrodomésticos eu faço as coisas em casa bem mais rápido. É pá-pum e tá feita a coisa.” (Gabriel:20:3).

“Todos os aparelhos eletrodomésticos que temos em casa nos auxilia muito pra gente executar as tarefas e também de forma mais rápida e mais prática.” (Roberto:16:5).

A percepção dos entrevistados sobre o seu trabalho doméstico ser (des)valorizado ou (não)reconhecido pela família gerou visões díspares. De um lado, há o grupo que respondeu afirmativamente ao questionamento (Gustavo, Heitor, Felipe, Carlos, Caio, Gabriel, Diego, Eduardo, César, Lucas); e, de outro, há o grupo que respondeu negativamente, ainda que demonstrando dúvida (Daniel, Roberto, Marcelo).

“Dentro da minha família eu vejo que ele é valorizado. A minha visão que a sociedade tem talvez seja o oposto do que eu tenho na minha família. Então, eu tenho a ideia de que a sociedade ainda pouco valoriza, ela deveria valorizar mais.” (Gustavo:18:3).

“Vou te dizer que, às vezes, acho que ele é mais reconhecido e valorizado fora do que dentro de casa.” (Carlos:18:1) “Aqui em casa, os filhos sempre estiveram acostumados a me ver fazendo as coisas dentro de casa, e isso passa a ser uma coisa natural do dia a dia. (...) Acho que essa relação de não ser tão valorizado ou tão exaltado é justamente por isso.” (Carlos:18:3).

As percepções de (des)valorização e (in)visibilidade do trabalho doméstico dentro do lar mostram-se díspares entre homens e mulheres, conforme estudos de gênero. Na sociedade em que vivemos, as relações de gênero continuam patriarcais, marcada por desigualdades. Portanto, o trabalho doméstico masculino não é tornado tão invisível e nem tão desvalorizado quanto o feminino; são elas as que mais experimentam os aspectos negativos tanto dentro quanto fora de casa, enquanto eles, os positivos (Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Bidarte, 2018; Bidarte; Fleck; Mello, 2021; Santos; Diniz, 2018). No caso dos entrevistados, o que se nota é como não é o papel “natural” do sexo masculino, quando o homem realiza o trabalho doméstico imediatamente ganha destaque e visibilidade na família e na sociedade. Por isso, a maioria deles, independente de cor e classe, não compartilha de tal experiência negativa. Estejam eles realizando o trabalho produtivo ou reprodutivo, a construção sociocultural atribui mais valor e visibilidade às atividades masculinas do que às femininas (Hirata; Kergoat, 2007).

Em seu discurso, Daniel discute como percebe a (in)visibilidade e (des)valorização do trabalho doméstico, associando-o a um *modus operandi* de opressão: quando funciona, é a ordem, por isso invisível, imperceptível, dificilmente passível de receber elogios; quando não funciona, é a desordem, por isso visível, perceptível, facilmente passível de receber críticas negativas. Muitas vezes, o trabalho doméstico ganha visibilidade no sentido negativo, isto é, quando algum afazer doméstico ou atividade de cuidado (ainda) não foi realizado, sendo imediatamente apontado pelo cônjuge como se fosse uma “falha”, ou algo intolerável, atribuindo a responsabilidade somente sobre o outro. Tal *modus operandi* não é particularidade de casais heterossexuais, nos quais se evidencia a reprodução dos papéis sexuais (Hirata; Kergoat, 2007), e faz pensar que, nesse caso e em tantos outros, como o trabalho doméstico é desvalorizado e invisibilizado, quem o realiza também é (Bidarte, 2018; Bidarte; Fleck; Mello, 2018, 2021).

No lar, “a desordem é visível, a ordem é invisível” (Bidarte, 2018, p. 96). Fato disso é que as pessoas não percebem o que foi feito ou percebem e não comentam, apenas o que ainda não foi feito ou que deixou de ser feito. Por exemplo, o almoço que não ficou pronto no horário habitual, o pó sobre os móveis que não foi tirado, a roupa que não foi lavada ou guardada, o chão que

não foi varrido, o lixo que não foi recolhido, a criança que não foi banhada, a planta que não foi regada. E aqui poderá haver cobrança de alguém, ao queixar-se caso o “esperado” ou o “combinado” não seja feito; e, geralmente, é o que acontece, pois é mais conveniente criticar do que fazer. É o discurso de Daniel comprova isso. As pessoas acostumam-se com a casa limpa e organizada. É como se as coisas “simplesmente” aparecessem prontas. Só que isso não acontece assim: há alguém que as realiza.

“Eu acho que o trabalho doméstico além de desvalorizado é também invisível, no sentido de que enquanto está tudo organizado, tudo certo, tudo no lugar, **ninguém** fala nada. (ênfase na palavra em destaque) (...) Quando a coisa está funcionando ninguém chega e te diz: “Que bom, não tem nada fora do lugar!”, ninguém fica falando isso, entende? Agora, basta a coisa não funcionar, daí sim. E aí tem o foco só nesse aspecto, no negativo, de que está ruim, de que não está funcionando.” (Daniel:18:3).

A partir da análise da subjetividade do trabalho doméstico não-remunerado presente em tais discursos, percebe-se que os entrevistados denunciam a ausência de reconhecimento e de elogios, por parte dos seus familiares pelo importante trabalho que exercem no contexto familiar. É de se pensar que a falta desse reconhecimento possa afetar o juízo que os entrevistados têm de si, trazendo-lhes sensações de que são desvalorizados e ignorados na casa e na família e, por extensão, na sociedade, além de que isso pode favorecer o aparecimento de diversas situações de adoecimento – o que foi constatado por estudos com mulheres (Bidarte; Fleck; Mello, 2018; Santos; Diniz, 2018). Na casa e na família, tal reconhecimento não é algo estático, já que a natureza do trabalho doméstico possui fortes componentes ideológicos, simbólicos, sociais, históricos e culturais. Ele é algo que se constrói na relação com o meio, no desenvolvimento da atividade, e que se defende constantemente, sendo um campo de disputa cotidiana e permanente. Uma forma possível de subverter isso é dar sentido, visibilidade e reconhecimento ao trabalho doméstico não-remunerado realizado pelos sujeitos, este tão essencial para a vida humana e o bem-estar na família e na sociedade (Moraes *et al.*, 2021; Soares, 2021).

Por fim, questionou-se aos entrevistados sobre o período de pandemia, em um processo de (re)pensar sobre seus comportamentos antes, durante e depois dessa crise sanitária global, uma vez que permaneceram mais tempo em casa. A pandemia deixou os afazeres domésticos em evidência e esse conjunto de atividades passou a ser percebido pelos entrevistados como essencial, indispensável para o bem-estar individual e familiar. A crise sanitária

sacudi as estruturas em todas as casas, sem exceções. Todavia, alguns dos entrevistados sentiram mais esse impacto, em especial os homens de classe baixa e com filhos/as pequenos/as.

Durante a pandemia, todos os entrevistados mencionaram realizar diversas medidas para a prevenção da doença, envolvendo-se mais com os afazeres domésticos, visto o aumento das demandas de higienização da casa e de alimentos, de lavagem de roupas, calçados, máscaras, de cuidados com crianças e com demais familiares e com a alimentação da família. No entanto, na maioria dos casos, tal envolvimento apresentou-se como “maior ajuda” ao cônjuge.

“Durante a pandemia a gente ficou muito mais obcecado com essa questão de higiene. Chegava do mercado e limpava os produtos, pegava um álcool e passava nas compras, já colocava a roupa pra lavar, era aquela coisa. Agora a gente já diminuiu isso aqui em casa, já voltamos ao normal, ao que era antes da pandemia.” (Heitor:19:2).

Dentro de casa, as tarefas não eram/são divididas igualmente, mesmo durante ou depois da pandemia. De modo geral, ficou evidente que a participação dos entrevistados nos afazeres domésticos mostrou-se seletiva ou periférica (Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Bidarte, 2018), visto a menção rápida e pontual de algumas tarefas, o que pode representar as que realizam por preferência ou com maior frequência, e também a utilização de palavras que remetem à assistência, como “auxílio” e “ajuda”. Isso indica que as atividades da casa, ou a sua divisão, sobretudo durante a pandemia, ficaram mais vinculadas às mulheres-cônjuge e mulheres-mãe, sobrecarregando, sobretudo, aquelas inseridas no mercado de trabalho. Com efeito, acentuaram-se as desigualdades de gênero na divisão das tarefas domésticas. Isso traz à tona que os papéis de gênero e os padrões de mulheres e homens ideais – estereótipos sobre quem faz o que na casa e na família e como um “bom homem” ou “boa mulher” deve ser, com facilidade, tornam-se arraigados na família, quer o cônjuge tenha essa intenção ou não. Como resultado disso, certos afazeres são considerados, conscientemente ou não, do homem ou da mulher (Albornoz, 2021; Hirata; Kergoat, 2007; Lauretis, 1994).

Considerações Finais

Os lugares sociais que os homens entrevistados ocupam, as experiências e as perspectivas advindas desses lugares mostram-se interessantes para explicar questões de desigualdades e de opressões estruturais (Ribeiro, 2019).

Tanto as experiências individuais, quanto as condições sociais permitem ou não que essas pessoas acessem lugares sociais, com ou sem restrição de oportunidades e direitos nos ambientes de trabalho, de educação, de saúde, de lazer (Ribeiro, 2019). E as evidências apontam para isso: entre os entrevistados, homens negros partilham experiências similares, mas têm experiências distintas de homens brancos, por conta de sua localização social, logo experenciam gênero de formas distintas. A interseccionalidade nos mostra as experiências diferenciadas dos homens brancos e negros entrevistados, cruzadas por marcações sociais múltiplas. As categorias de gênero, raça e classe são parte da estrutura social que se manifestam como dispositivos fundamentais em que beneficiam as desigualdades, geram formas diferentes de experimentar opressões, e criam grupos e hierarquias sociais. É exatamente por isso que não existe hierarquia de opressões, pois sendo estruturais não podem ser pensadas de forma separada (Akotirene, 2019).

Nas relações de gênero, a educação é um aspecto importante que merece algumas considerações. Os discursos da maioria dos homens entrevistados revelaram indícios de uma educação conservadora, perpetuando os tradicionais papéis sociais, os modos de pensar e de agir, reproduzindo estereótipos e desigualdades de gênero, ao mostrarem uma participação pontual e periférica na casa e na família, o que acaba gerando sobrecarga para seus cônjuges (Albornoz, 2021; Araújo; Scalon, 2005; Saffioti, 1987; Soares, 2021). Logo, esses entrevistados denunciam uma sociedade que os confina a um determinado lugar social (Ribeiro, 2019). Por outro lado, há homens entrevistados, ainda que em minoria, que mostraram sinais de uma educação menos conservadora, visto que compartilham de forma mais equânime a responsabilidade pela realização dos afazeres domésticos na casa e na família e, com efeito, uma menor pressão sobre os outros membros da família, especialmente cônjuges. No caminho em direção à igualdade entre os gêneros, é possível enxergar, nesses casos, luz através da bruma (Bidarte, 2018; Bidarte; Fleck; Mello, 2018, 2021).

Há muito ainda para saber sobre os questionamentos levantados neste estudo. Por isso, torna-se necessário avançar de modo empírico e teórico. Nesse sentido, incentivam-se pesquisas futuras que ampliem os espaços de pesquisa (cidades/estados/países), buscando acessar diferentes realidades socioeconômicas, a partir de outras abordagens metodológicas (Bidarte; Fleck; Disconzi, 2021), o que complementa o debate e aprofunda os estudos de gênero, especialmente numa perspectiva interseccional (Akotirene, 2019; Ribeiro, 2019). Unindo-se ao coro de pesquisadores/as sobre a temática (Bruschini; Ricoldi, 2008, 2012; Melo; Considera; Sabbato, 2016; Moraes *et al.*, 2021; Soares; Sabóia, 2007; Soares, 2021), como outras sugestões de

estudos futuros, indica-se: (i) pesquisar homens e masculinidades, analisando o envolvimento deles na esfera privada e a (des)igualdade entre os sexos na vida doméstica e familiar; (ii) investigar, numa perspectiva interseccional, quais marcadores sociais têm efeito sobre a participação masculina nos afazeres domésticos e no cuidado com crianças e família; (iii) de que forma os homens usam o tempo para as atividades produtivas e/ou reprodutivas.

Referências

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALBORNOZ, S. **As mulheres e a mudança nos costumes**: ensaios da igualdade e da diferença. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.
- ARAÚJO, C.; SCALON, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- BIDARTE, M. **Profissão do lar**: imposição ou escolha?. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018.
- BIDARTE, M. **Relações de gênero e trabalho doméstico não-remunerado**: a participação masculina no trabalho reprodutivo – evidências gaúchas. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.
- BIDARTE, M.; FLECK, C.; MELLO, E. Para o lar: as mulheres que deixaram o mercado de trabalho para se dedicarem à casa e à família, **Revista Gênero**, v. 18, n. 1, p. 06-24, 2018.
- BIDARTE, M.; FLECK, C. Evolução da participação feminina e masculina em afazeres domésticos no Brasil. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 30, n. 1, p. 87-103, 2019.
- BIDARTE, M.; FLECK, C.; MELLO, E. Profissão do lar: (des)valorizada, (não) reconhecida e (in)visível. Até quando? **Revista Punto Género**, n. 15, p. 47-69, 2021.
- BIDARTE, M.; FLECK, C.; DISCONZI, C. As mulheres como tema de pesquisa na Administração: uma análise sobre o que a academia vem priorizando quando elas são o foco de estudo. **Caderno Espaço Feminino**, v. 34, n. 2, p. 257-280, 2021.
- BIDARTE, M.; RODRIGUES, M. Trabalho doméstico não remunerado: discussões e proposições teóricas. In: **XLVII Encontro da ANPAD**, 2023, São Paulo. Maringá: EnAnpad, 2023.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez., 2006.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. **Articulação trabalho e família**: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras. São Paulo: FCC/DPE, 2008.

BRUSCHINI, C.; RICOLDI, A. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 1, p. 259-87, 2012.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ESMERALDO, G. Ruídos com marcas de transgressões ancoradas em mulheres assentadas. In: LOPES, A.; BUTTO, A. **Mulheres na Reforma Agrária**: a experiência recente no Brasil. Brasília: MDA, 2008.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORES, S.; BIDARTE, M. Style consumption and propensity to indebtedness: evidence on the peace border. **Revista de Administração da UFSM**, v. 12, n. 1, p. 142-158, 2019.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

HIRATA, H. **O cuidado**: teorias e práticas. São Paulo: Boitempo, 2022.

IBGE. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. n. 38. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 23 de abril de 2024.

KISHIMOTO, T.; ONO, A. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3, p. 209-223, 2008.

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, M. *et al.* Atividade doméstica e socialização: a visão de adolescentes de classes economicamente distintas. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 18, n. 2, p. 189-200, 2008.

MELO, H.; CONSIDERA, C.; SABBATO, A. Dez anos de mensuração dos afazeres domésticos no Brasil. In: FONTOURA, N.; ARAÚJO, C. **Uso do tempo e gênero**. Rio de Janeiro: UERJ/SPM/IPEA, 2016.

MORAES, L. *et al.* Metodologias, trabalho e uso do tempo: compreendendo a rotina de mulheres rurais. In: MELO, H.; MORAES, L. **A arte de tecer o tempo: perspectivas feministas**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

PNAD-C. **Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio Contínua: Notas Técnicas**. v. 1.5. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101621>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

PNAD-C. **Outras formas de trabalho: 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101722>. Acesso em: 11 de outubro de 2020.

PNAD-C. **Outras formas de trabalho: 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102020>. Acesso em: 29 de julho de 2023.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALATA, A.; SCALON, C. Do Meio à Classe Média: como a “nova classe média” e a “classe média tradicional” percebem sua posição social? **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 3, p. 375-386, 2015.

SALES, C. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 2, p. 437-443, 2007.

SANTOS, L.; DINIZ, G. Saúde mental de mulheres donas de casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. **Psicologia Clínica**, v. 30, n. 1, p. 37-59, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SOARES, C.; SABÓIA, A. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

SOARES, C. Os desafios (para as mulheres) do trabalho reprodutivo no Brasil com o processo de envelhecimento populacional. In: ITABORAÍ, N.;

RICOLDI, A. **Até onde caminhou a revolução de gênero no Brasil?**: implicações demográficas e questões sociais. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), 2016.

SOARES, C. A importância das informações de uso do tempo para os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações sobre as pesquisas domiciliares oficiais. In: MELO, H; MORAES, L. **A arte de tecer o tempo**: perspectivas feministas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.